

A COLUNA VAZIA DA ARQUIBANCADA

Era segunda-feira. O cheiro de café recém passado misturava-se ao da tinta fresca do jornal impresso. O velho hábito sobrevivia: abrir a *Folha de S.Paulo* e ir direto ao caderno de esportes. Ou melhor: ao lugar onde ele costumava estar.

Mas algo mudou.

Não é que os gols deixaram de ser marcados, nem que os dribles sumiram dos gramados. Os estádios continuam fervendo, as torcidas cantando, os técnicos gesticulando como maestros loucos. Só que a cobertura sumiu. E não por descuido. Sumiu como som que se abafa, como cortina que se fecha. Sumiu por decisão.

Há um vazio onde antes estavam crônicas de domingo, tabelas da rodada, análises táticas, entrevistas com artilheiros de ocasião. A coluna que outrora dava voz à arquibancada agora emudeceu. E esse silêncio não é neutro. Ele é editorial.

Não foi sempre assim. Houve um tempo — e nem faz tanto — em que a cobertura esportiva nos grandes jornais era mais que relato factual: era literatura. Os gols narrados por Armando Nogueira tinham o ritmo de um poema em prosa. A elegância de Nelson Rodrigues em seus delírios clubistas fazia da paixão futebolística um ato filosófico. Ainda temos Juca Kfoury e Tostão que não escrevem apenas: eles pensam futebol. E a *Folha*, sempre ela, orgulha-se de ser palco desses dois talentos.

Hoje, porém, cada vez mais o silêncio.

Talvez digam que o público mudou. Que o leitor esportivo migrou para a tela, para os vídeos curtos, para os podcasts ligeiros. Que o espaço é escasso e que a editoria precisa priorizar temas mais urgentes: política, economia, guerra, Amazônia. Talvez tudo isso seja verdade. Mas há outra verdade que sussurra, quase tímida: a de que o futebol ainda pulsa.

Sim, o futebol continua sendo o único assunto que um motorista de Uber e um desembargador podem discutir com a mesma paixão. É ainda o espelho do país — suas violências, suas glórias, seus improvisos geniais, suas tragédias anunciadas. É drama shakespeariano em noventa minutos. E ignorá-lo é como tirar o samba do rádio: um tipo de mutilação cultural.

E então, o leitor que cresceu com o ritual da leitura esportiva no café da manhã encontra uma página sem gols, sem escalações, sem gramado. Uma página silenciosa. Um altar sem santo.

Mas o jornal impresso, resistente soldado de papel, não deveria ser um abrigo também para as paixões que nos fundam? A cultura do povo não está apenas no cinema iraniano ou no teatro experimental: ela também vibra no grito de “gol!” ecoando no bar da esquina. E se a *Folha*, por razões que lhe sejam legítimas, decidiu se calar diante disso, resta-nos lamentar. Porque quando o jornal cala sobre aquilo que o país ama, ele se afasta — não do fato, mas da alma do leitor.

No fim, a ausência de cobertura não é só uma lacuna informativa. É um símbolo. Uma crônica não escrita. Uma bandeira que deixou de tremular.

E no banco da padaria, o velho torcedor dobra a *Folha*, suspira, e diz ao balconista:

— Gol bonito, ontem, né?

E o garoto, que só leu no celular, responde:

— Gol de quem?

Sem resposta nas páginas.

Só nas lembranças.